Doi: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.17i2.0006

O clube e suas múltiplas faces: notas sobre futebol, imigração e pertencimento

Soccer teams and their multiple faces: notes on soccer, immigration and belonging

Jhonatan Uewerton Souza*

Em homenagem ao Britania – vencedor do campeonato da Associação*Sportiva* Paranaense (A.S.P.) de 1918–, foi realizada em 02 de fevereiro de 1919 uma partida comemorativa na cidade de Curitiba. O clima era de festa ese esperavaque o jogo fosse um mero coadjuvante de um acontecimento idealizado para a celebração do campeão citadino, do próprio *sport* e dos "nobres valores" que circuncidavam sua prática nos anos iniciais do século XX. Para fazer frente ao Britania na partida, foi organizado um selecionado composto pelos melhores jogadores da cidade e para mediador da peleja convidaram um gabaritado *sportman* curitibano, o presidente do América Paraná Sport Club e diretor da seção de esportes do jornal *Commércio do Paraná*, o sr. Luiz Guimarães. Diferente do que se esperava, a partida ganhou vulto, o clima amistoso e o comportamento fidalgo foram deixados de lado tanto no campo quanto nas arquibancadas, o apito final pôs fim à partida–vencida por 2 a 1 pelo Britania – mas não encerrou os debates, que se estenderam durante toda a semana nas páginas dos jornais *Gazeta do Povo* e *Commércio do Paraná*.

Em sua primeira edição, datada de 03 de fevereiro de 1919, a *Gazeta do Povo* trazia em seu caderno "Desportos", comentários sobre a partida que havia se desenrolado no dia anterior. Confessando não haver comparecido ao jogo, o colunista – que não assina o artigo – afirma ter sido informado por fontes

* Mestrando do programa de pós-graduação em História da UFPR. Membro do NEFS (Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade). Bolsista Reuni. *E-mail*: cidojap@msn.com

confiáveis que o árbitro da partida havia tentado favorecer o selecionado da A.S.P. em detrimento ao Britania, o que teria gerado uma reação por parte da assistência em represália às atitudes *referee*.[1] No mesmo dia, na seção esportiva do jornal *Commércio do Paraná*, onde escrevia o próprio Luiz Guimarães, lemos um artigo em tom completamente oposto. Nas páginas deste periódico o jogo é descrito como tranquilo e a publicação centra seus argumentos na defesa de uma suposta "vitória moral" do selecionado da A.S.P. que teria se apresentado com maior organização, em relaçãoao time do Britania. Sobre as manifestações de descontentamento por parte da assistência, Luiz Guimarães comenta apenas que, na sua condição de árbitro, por estar de costas ao público, não percebeu as agitações na arquibancada. Mas ficara sabendo posteriormente que *alguns mocinhos de gravata andaram praticando atos próprios dos que não a usam.*[2]

O artigo de Luiz Guimarães no *Commércio do Paraná* foi alvo de resposta por uma carta assinada com as iniciais "U.G." e publicada em primeira página na edição de 04 de fevereiro de 1919 da Gazeta do Povo. A carta critica tanto a atuação do árbitro na partida, quanto a descrição que ele havia feito do certame. Nas linhas da publicação, Luiz Guimarães é denunciado por agircom parcialidade e paixão, conduzir de forma tendenciosa o jogo e tecer análises contrárias ao Britania em seus textos. O fato de ser presidente do América Paraná é ressaltado na carta, levando o leitor à conclusão de que Guimarães agia em defesa de seu clube e não dos "nobres valores" do *sport*.[3] A tréplica de Luiz Guimarães foi publicada no dia 05 de fevereiro de 1919, no *Commércio do Paraná*, sob o título *Em Defesa*. Nela, Guimarães critica o autor da carta por ter se escondido atrás das iniciais do nome, diz que o autor demonstrou pouco conhecimento das regras do futebol e denunciou-o por escrever *com paixão maior do que a que nos atribui*,[4] dando a entender que os ataques vinham de pessoas ligadas ao Britania. Por fim, desafia

[1] DESPORTOS. **Gazeta do Povo**. 03 fev 1919.

[2] SPORT. **Commércio do Paraná**. 04 fev 1919. Apesar de sair com a data do dia quatro, o periódico circulou no dia três.

[3] DESPORTO. **Gazeta do Povo**. 04 fev 1919.

[4] SPORT. **Commércio do Paraná**. 05 fev 1919.

seu crítico a um debate público, deixando o tema à escolha do desafiado.

O que nos interessa no episódio narrado é a ênfase que ambos os personagens dão à paixão, nesse contexto entendida como um sentimento ruim, do qual o acusado deveria se envergonhar. Entretanto, não falam de qualquer paixão, falam de uma paixão bastante específica da qual ainda não estão completamente acostumados, a paixão clubística, ou se quisermos, o sentimento de pertencimento ou identidade clubística. Os posicionamentos dos personagens em seus textos são sintomáticos de uma mudança gradual no perfil do torcedor e dos atores do universo esportivo. É possível perceber um estranhamento quanto às mudanças em processo nas formas de torcer, jogar ou apitar. Oposições como homens de gravata/ homens sem gravata ou árbitro que apita por amor ao esporte/ árbitro que atua por amor ao clube são emblemáticas desse estranhamento. Apesar de se colocarem em posições distintas quanto à partida, parece-nos que os dois personagens concordam que algo estava corrompendo as antigas estruturas do futebol, uma mudança estavaem andamento, o antigo engajamento à categoria genérica de *sport* era substituído por um envolvimento mais específico com um clube ou time. Assim, em última instância, um denuncia o outro de não agir em defesa do *sport*, mas sim, de seus respectivos clubes, de um lado Britania, de outro, o América Paraná. Esse sentimento de identidade provocado por um clube de futebol – que não entendemos como algo dado e sim como uma construção histórica, tal qual as identidades nacionais ou as identidades de classe –e a capacidade que ele tem de se associar a outras identidades é um ponto fundamental para o pesquisador interessado nos clubes de imigrantes formados durante a primeira república no Brasil.

Fruto de reflexões em torno da minha dissertação de mestrado sobre o clube Palestra Itália de Curitiba, esse artigo pretende analisar alguns estudos que têm se debruçado sobre esses clubes imigrantes, levantando alguns questionamentos identificados pelos pesquisadores acerca do contexto das mais diversas cidades brasileiras do início do século XX, acompanhando assim a extensão e as peculiaridades do associativismo esportivo desses imigrantes em uma espacialidade ampla. Em

um segundo momento, nos deteremos especificamente ao debate que surgiu em torno do Palestra Itália de São Paulo, apontando as potencialidades e os limites desse estudo. Por fim, traçaremos algumas reflexões teóricas a respeito das identidades, fomentadas em nós à luz das pesquisas analisadas.

Os imigrantes e o esporte brasileiro

Um importante pesquisador que estudou a potencialidade do futebol em gerar identidades ou fomentar identidades pré-existentes foi Richard Giulianotti. Remetendo-se a Charles Wright Mills, Giulianotti afirma que: *O processo de construção de um "significado" ou de uma "identidade" de alguma coisa depende de dois princípios: semântica (estabelecer o que alguma coisa é em si mesma) e sintaxe (estabelecer o que ela não é).*[5] Essas proposições mais gerais são traduzidas em sua proposta de sociologia do futebol em termos que a "sintaxe" é entendida como as oposições binárias ou rivalidades nas quais esse esporte é fundamentado e a "semântica" como a capacidade do futebol em *integrar pessoas e a reproduzir a ordem social.*[6] Esse domínio da "sintaxe"referente às posições binárias estaria expresso em vários níveis no futebol, desde o plano dos jogadores (como o embate atacante/zagueiro) até os times, clubes ou nações. Todavia, as identidades que daí emergem ou se associam são fundadas em relações que extrapolam a dinâmica interna do futebol, ou como indica Giulianotti: *Os significados dessas rivalidades do futebol tenderam a ser corroborados por divisões históricas e culturais mais profundas.*[7] Sendo assim, essas identidades ganham novos contornos a depender da conjuntura em que se inserem, podendo se associar, por exemplo, a identidades regionais, de classe, religiosas, étnicas ou nacionais. Acrescentaria às considerações de Giulianotti que a associação a uma dessas identidades não implica necessariamente a recusa a todas as outras, na verdade, um clube pode ter inúmeros significados e essas identidades estão em constante

[5] GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 25.

[6] Ibidem.

[7] Ibidem, p. 25.

construção e reconstrução, sendo o clube de futebol mais um ator nesse processo e não um simples meio de expressão de uma identidade acabada, unificada ou essencialista, como argumentarei durante esse texto. Frente a essas observações, poucos objetos parecem tão ricos para abordar essas temáticas quanto os clubes esportivos fundados por imigrantes, clubes que se multiplicaram às dezenas no Brasil das primeiras décadas do século XX, acompanhando o fenômeno mais geral de expansão do associativismo entre essas comunidades. Traçaremos a seguir um breve mapa desse fenômeno para termos uma base de sua extensão e importância na consolidação do esporte nacional e na configuração de uma identidade entre os imigrados.

Segundo Angelo Trento, em seu estudo clássico sobre a imigração italiana intitulado *Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana para o Brasil*, a vida associativa dos imigrantes italianos teve início antes mesmo do fenômeno da imigração em massa para este país. Segundo esse autor, a formação de associações parece ter sido uma necessidade nesse país e sua presença é constatada em diversas localidades, inclusive em regiões afastadas ou com número pouco expressivo de imigrados. De início,essas associações eram voltadas ao socorro e à ajuda mútua, atuando em momentos de necessidades dessas comunidades, como a instalação dos recém-chegados, a contratação de serviços médicos que à época eram caros e de difícil acesso ou auxiliando em casos em que os indivíduos sofriam acidentes de trabalho e ficavam desamparados, dada, entre outras coisas, a falta de uma legislação trabalhista que assistisse essas ocorrências. Com o advento da imigração massiva, o número de sociedades se multiplicou, desproporcional à ampliação do número de sociedades foi o desenvolvimento de suas estruturas. Na verdade, segundo Trento, no início do século, essas sociedades viviam a duras penas, com poucos sócios e sem muito destaque, sendo que, em 1904, nenhuma das sociedades situadas em São Paulo tinha sede própria. Além dessa fraqueza orgânica, essas entidades tinham clara tendência à cisão, daí a pulverização de microassociações pouco estruturadas nesse período. Para Trento, essa tendência à cisão e multiplicação de minúsculas associações pode ser explicada

a partir de três fatores. O primeiro delesreside no fato de a elite econômica e intelectual desses imigrantes ter pouca inserção na vida pública do país durante os anos finais do século XIX e o início do século XX, desse modo, suas vontades políticas eram projetadas para essas associações e a cada nova liderança que surgia, a tendência era a formação de outra entidade. O segundo fator seria a persistência de identidades regionais ou locais entre esses imigrantes, de modo que existiam associações aglutinadoras de indivíduos originários de locais específicos da Itália, como associações de vênetos, calabreses, lombardos etc. O terceiro fator seria o isolamento dessas comunidades no Brasil, espalhadas em núcleos no interior de São Paulo ou no sul do país, sendo que cada um desses núcleos sustentavam suas próprias associações. A divisão interna entre esses imigrantes era tamanha que todas as tentativas de formar uma federação dessas associações terminaram fracassadas. Essa intensa dinâmica associativa não foi um aspecto específico da imigração italiana ao Brasil, na verdade, segundo dados apresentados por Trento, o número de associados neste país foi inferior ao de países como Argentina e Estados Unidos em termos absolutos, e Uruguai e Chile em proporção ao número de imigrantes ali instalados.[8] Apesar do estudo de Trento se debruçar especificamente sobre os imigrantes italianos, a dinâmica associativa não era um fenômeno exclusivo destes, na verdade, o Brasil assistiu ao surgimento de entidades ligadas a grupos distintos e não tardou para que esse processo invadisse o campo esportivo, ainda em consolidação no Brasil.

O papel dos imigrantes em geral – oriundos de diversos países e localidades– e suas associações parece ter sido fundamental no desenvolvimento do esporte no Brasil. Os estudos que compõem a coletânea *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*[9],organizada por Victor Andrade de Melo, e que juntos abarcam uma espacialidade que corresponde a treze cidades brasileiras, são sintomáticos dessa afirmativa.

[8] TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico:** Um século de imigração italiana para o Brasil. São Paulo: Nobel, 1989. Ver o capítulo IV intitulado "Vida coletiva e assimilação", especialmente a parte 4.2 que versa sobre as associações.

[9] MELO, Victor Andrade de. **Os sports e as cidades brasileiras:** transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

Em praticamente todos os capítulos, a presença dos imigrantes é verificada, indicando o peso de sua participação em um período crucial da consolidação de algumas modalidades esportivas neste país, como é o caso do futebol. Essa presença de imigrantes europeus no ambiente esportivo não é de estranhar, haja vista que sua terra de origem correspondia ao nascedouro do esporte moderno, todavia, essa inserção do imigrante foi paulatina e restrita, de início, às elites e classes médias.

Analisando a formação de um campo esportivo no Rio de Janeiro, Victor Andrade de Melo, dentro de sua proposta de um modelo heurístico de desenvolvimento desse campo esportivo, aponta o Turfe como uma das manifestações mais importantes nos primórdios do esporte, indicando a criação do Club de Corridas em 1849 como marco fundamental da efetiva constituição de um campo esportivo no Brasil.[10] Segundo Melo, a fundação desse *club* foi precedida por corridas realizadas frequentemente desde, pelo menos, 1925 na Praia da Saudade e tinha como seus organizadores ingleses que ali estavam por conta de suas atividades no comércio ou na política local. Desse modo, verificamos a presença de imigrantes desde o alvorecer dos esportes em terras brasileiras, entretanto, já de início uma questão se coloca: qual a posição social desses imigrantes?

A categoria "imigrante" e os outros termos utilizados para definir esses agrupamentos de indivíduosoriundos de outras localidades que se instalaram em limites territoriais brasileiros – como "italianos", "poloneses", ou então "ítalo-brasileiros", "teuto-brasileiros" – são demasiado amplas e dão conta de uma coletividade plural, com níveis de distinção internas incomensuráveis. Destarte, um primeiro ponto que gostaríamos de ressaltar é a substancial diferença socioeconômica desses indivíduos, diferença expressa sob diversas formas no campo esportivo. Assim, quando falamos na participação de imigrantes na organização de eventos esportivos em meados do século XIX, não falamos em qualquer imigrante, falamos em imigrantes oriundos da Inglaterra, ocupantes de posições sociais privilegiadas na estrutura social carioca. De algum modo, parece-nos importante ressaltar isso, tendo em

[10] MELO, Victor Andrade de. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. MELO, op. cit., p. 24.

vista que o próprio perfil do imigrante engajado nos esportes vai se alterando no decorrer das décadas, em especial, no início do século XX.

Também em Belo Horizonte, segundo Raphael Rajão Ribeiro, a presença de imigrantes no começo dos esportes foi atestada. Especialmente interessante na abordagem de Ribeiro é o enfoque que o autor dá ao fenômeno da identidade. Segundo o autor, a presença de:

> [...] estrangeiros de origem italiana na capital mineira ajudava a dar mais visibilidade à colônia e a chamar a atenção de seus membros para o tema do esporte. A presença de imigrantes e descendentes no meio atlético local contribuía para a formação de um gosto pelos exercícios físicos entre o grupo que cada vez mais buscava reforçar seus laços identitários.[11]

O enfoque dado pelo autorao papel dos esportes como um canal para obtenção de maior visibilidade por parte dos imigrantes e na sua utilização para a conformação de uma identidade única entre estes lembra muito a análise que José Renato de Campos Araújo tece sobre o Palestra Itália da cidade de São Paulo.Outro ponto comum entre os autores que poderíamos identificar é a importância dada à fundação do Palestra Itália, tanto no caso mineiro quanto no paulistano. Se Araújo identifica a fundação do Palestra de São Paulo como um marco no associativismo italiano da cidade[12], Ribeiro considera a fundação da Societá Sportiva Palestra Italia em 1921, na cidade de Belo Horizonte, como: *a primeira iniciativa coordenada e duradoura desse grupo de imigrante no meio atlético local.*[13]Nos dois casos – São Paulo e Belo Horizonte –, a iniciativa de fundar o Palestra foi precedida por uma participação ativa dos imigrantes no ambiente esportivo da cidade. Espalhados em diversos clubes, ou, no caso de São Paulo, em clubes relacionados com identidades regionais da península itálica, esses imigrantes a principio – e diferente, por exemplo, dos teutos – não estariam preocupados em formar

[11] RIBEIRO, Rafael Rajão. **Participação imigrante nos primeiros anos do esporte em Belo Horizonte**. Acesso em: 02 ago 2011. Disponível em: <http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/participacao_esportes.pdf>, p. 8.

[12] ARAÚJO, José Renato de Campos. **Imigração e futebol:** o caso Palestra Itália. São Paulo: Sumaré, 2000, p. 7.

[13] RIBEIRO, op. cit., p. 1.

um clube específico entre seus conterrâneos, até porque não se consideravam compatriotas. A eclosão da primeira guerra mundial e a onda nacionalista que daí deriva é considerada em ambas as análises (Araújo e Ribeiro) como o ponto de virada dessa percepção de pertencimento entre os imigrantes, daí a fundação do Palestra Itália de São Paulo em 1914 e a criação de seu homônimo em Belo Horizonte sete anos depois.

Arelação com a "onda nacionalista" não parece de todo equivocada, de fato, se pensarmos em outra espacialidade, dessa vez a cidade de Curitiba, perceberemos que, também nessa cidade, em 1914, foi fundado por imigrantes italianos do bairro Água Verde o clube de futebol Savóia F. C. e, em 1920, um ano antes do belo-horizontino, era fundado um Palestra Itália em Curitiba. Assim como o clube mineiro, o Palestra curitibano tinha fortes relações com a sociedade Danti Alighieri, entidade engajada na promoção dos ideais de nacionalidade em terras brasileiras. Segundo João Fábio Bertonha, no período entre a unificação da Itália e a primeira guerra mundial, os esforços da elite em reduzir as desigualdades regionais e formar uma unidade italiana foram bem sucedidos, refletindo no que o autor chama das "outras Itálias", comunidades de italianos espalhados pelo mundo. No Brasil, segundo Bertonha, fica evidente o esforço das elites locais de origem italiana e em menor grau do governo italiano, em construir uma unidade cultural e linguística entre as comunidades italianas que aqui residiam, uma das entidades citadas pelo autor como exemplar desse esforço é justamente o *Istituto Medio Dante Alighieri.*[14]

Assim como no Rio de Janeiro ou em Belo Horizonte, historiadores dedicados ao estudo dos primórdios do futebol em Curitiba, como André Mendes Capraro[15] ou Celso Moletta Junior[16], têm considerado o papel dos imigrantes na

[14] BERTONHA, João Fabio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 61.

[15] CAPRARO, André Mendes. **Football, uma prática elitista e civilizadora:** investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação (Mestrado em História), UFPR. Curitiba, 2002. Ver especialmente os capítulos "Direto da Europa chega o Football", "O início da prática futebolística em Curitiba" e "Carta à redação".

[16] MOLETTA JUNIOR, Celso. **Futebol e a formação do espaço público no contexto da fundação do Coritiba Football Club** (Curitiba 1900-1915). Dissertação (Mestrado em História), UFPR, 2009. Ver especialmente o capítulo 3, "O futebol na cidade e a fundação do Coritiba Foot Ball Club".

consolidação da modalidade. O estudo de Moletta sobre a relação entre os imigrantes alemães e o Coritiba Football Club traz algumas contribuições importantes para os historiadores que se dedicam à interface futebol/imigração. Dentre as contribuições, destacaria a atenção que o autor deu ao fator geracional em seu estudo sobre a fundação do Coritiba, fato que tem sido negligenciado em boa parte dos trabalhos aqui analisados, em que os autores, via de regra, têm pensado a categoria "imigrante" como algo estático, quando muito incluem ao seu lado a palavra "descendentes", termo vago que abarca em si uma infinidade geracional. Nesse sentido, uma das hipóteses levantadas por Moletta para explicar a maior abertura do Coritiba se comparado àSociedade Teuto-brasileira ou *Turnerevin*, tanto para sócios de outras etnias, quanto para a prática de outros esportes que não a ginástica do *Turnen*, é que o segundo era formado majoritariamente por alemães de origem, da primeira geração, que entendiam o *turnen* como um símbolo nacional alemão, um elemento que remetia às suas origens e que deveria ser conservado no seio da comunidade teuta, diferindo assim do perfil do Coritiba, clube dedicado à prática de um esporte de origem inglesa e integrado por pessoas de diversas ascendências, apesar da predominância de "alemães".

Outra localidade onde os imigrantes alemães tiveram grande importância no início da prática esportiva foi Porto Alegre. Segundo Silvana V. Goellner e Janice Z. Mazzo,no início do século XX, as elites porto alegrenses estiveram empenhadas em mudar a imagem rural com a qual a cidade era associada, pretendiam inserir a capital gaúcha no cenário nacional de modernização urbana, cenário onde as práticas esportivas e de lazer ganhavam cada vez mais destaque. Para as autoras, os imigrantes tiveram especial importância nesse processo, nas palavras delas: *[...] podemos afirmar que a modernidade em Porto Alegre se constituiu, fortemente, pela intervenção de imigrantes europeus, cujas influências se fizeram sentir, sobremaneira, na estruturação e consolidação das práticas esportivas e de lazer.*[17] Os teutos foram de grande importância nesse processo, sendo a ponta de lança da introdução dos esportes na cidade, segundo

[17] GOELLNER, Silvana V. MAZZO, Janice Z. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. MELO, op. cit., p. 190.

as autoras, para os imigrantes alemães, *o associativismo esportivo se configurou como uma estratégia para o enfrentamento das adversidades e preservação do "modo de ser alemão"*.[18]

Nesse sentido uma singularidade interessante dessa cidade e que pode ser verificada nos estudos de outros casos são os confrontos interétnicos. Para Mazzo e Goellner, a inserção dos "luso-brasileiros" e "ítalo-brasileiros" no universo esportivo da cidade se deu em reação à presença ostensiva dos "teuto-brasileiros", estabelecendo entre esses grupos um *confronto simbólico de identidades culturais*[19] no campo esportivo. Essas dinâmicas interétnicas são fundamentais para a compreensão da construção de identidades. Quando tratarmos mais à frente das teorias de etnicidade, essa relação ficará mais clara. Poderíamos prosseguir com o mapeamento, indicando pesquisas sobre outras regiões e outras abordagens, entretanto, acreditamos que o breve mapa aqui apresentado já é suficientemente representativo da pluralidade de estudos nessa área. Por último, gostaríamos apenas de ressaltar que essa relação entre futebol, imigração e identidade não é um fenômeno restrito à região sul-sudeste. Um exemplo disso, localizado na região amazônica, é o Ítalo Sport Club, indicado por Marília Ferreira Emmi como uma associação comprometida com a conformação de uma identidade italiana no norte brasileiro.[20] A seguir, analisaremos o debate específico em torno do Palestra Itália de São Paulo, provavelmente o mais estudado dos clubes fundados por imigrantes no Brasil.

O Palestra Itália paulistano: itinerário de um debate interpretativo

Fundado em 26 de agosto 1914, em uma conjuntura de reconfiguração do futebol paulistano, o Palestra Itália de São Paulo parece ter sido um ator importante no processo comumente definido como "popularização" do futebol, ao menos no que se refere à Associação Paulistana de Sports Athleticos

[18] Ibidem, p. 187.

[19] Ibidem.

[20] EMMI, Francisco F. **Italianos na Amazônia (1870-1950):** Pioneirismo econômico e identidade. Belém: NAEA, 2008, p. 234.

(A.P.S.A.), já que nos arrabaldes, vielas e várzeas, o jogo era praticadohá algum tempo pelas camadas populares. De igual relevância foi sua expressividade entre os imigrantes originários da península itálica, grupo numeroso e heterogêneo, composto por uma variedade de sujeitos que ia de empresários de expressão internacional a militantes anarquistas, mas que parecem ter visualizado nesse clube um ponto de encontro e identificação. Esses dois aspectos, somados ao fato do herdeiro desse clube, a Sociedade Esportiva Palmeiras, ser um clube de grande expressão ainda na atualidade, ajudam a explicar o porque de alguns pesquisadores terem se debruçado ao estudo dessa entidade. Se levarmos em conta a relativa carência de estudos na área de história do futebol, poderíamos afirmar que o Palestra Itália de São Paulo foi um objeto bastante estudado, sendo dedicadas a ele, até onde sabemos, duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado na área de ciências humanas. Nas linhas que se seguem, traçaremos um itinerário do debate que se formou em torno desse clube e sua relação com a formação de uma identidade comum aos imigrantes "italianos" que viviam em São Paulo.

O primeiro desses trabalhos foi o mestrado em ciências sociais de José Renato de Campos Araújo, defendido na Unicamp e posteriormente publicado em forma de livro, compondo a "Série Imigração" organizada pelo IDESP, ao lado de obras que se tornariam clássicos da historiografia da imigração, como a de Oswaldo Truzzi ou Boris Fausto. Intitulado "Imigração e futebol: o caso Palestra Itália", o livro publicado em 2000 traz uma abordagem que privilegia o Palestra Itália como um *representante do grupo italiano da cidade de São Paulo*.[21] Para Araújo, a fundação do Palestra Itália de São Paulo teria sido um marco fundamental no associativismo desses italianos, ajudando a romper com as divisões regionais que cindiam essa comunidade e isso teria alguma relação com o fato de o clube ser voltado à prática do futebol. Em suas palavras:

> O Palestra Itália, por ser uma associação ligada ao futebol, modalidade esportiva que se tornaria a grande paixão nacional, teve uma trajetória diferenciada no universo do associativismo italiano da cidade. Este era marcado por profundas divisões regio-

[21] ARAÚJO, op. cit., p. 7.

> nais, sendo regra a obediência aos cortes regionais da península. Até a fundação e a estruturação do clube, o que víamos na cidade era uma profusão de entidades, agremiações e associações aglutinadoras de lombardos, vênetos, calabreses, piemonteses, mas nunca de italianos.[22]

Desse modo, para Araújo,o Palestra Itália se mostrou um marco no associativismo por sua capacidade de representar a totalidade dos imigrantes italianos, diferente das antigas entidades. Por essa característica, o clube teria pago o preço da discriminação, ao passo que, para Araújo, a ideia de "imigrante italiano", na primeira república paulistana, estava ligada a uma série de estereótipos, especialmente enraizados nas elites locais, as quais dominavam as entidades esportivas e as próprias redações jornalísticas à época. Nessa linha de raciocínio, a negativa por parte da APSA em aceitar a participação do clube no campeonato de 1915 é interpretada como uma evidência de um preconceito por parte de seus dirigentes, associados a clubes representativos da elite local. Desse modo, Araújo localiza o Palestra Itália como um clube das classes populares, ao lado de outros como o Corinthians e que, portanto, era alvo de duplo preconceito, o étnico e o de classe que, não raras vezes, se fundiam em uma só manifestação. Para chegar a essa conclusão,o pesquisador analisou o clube entre os anos 1914 e 1942, ou seja, de sua fundação até quando, por conta da segunda guerra mundial, o clube muda de nome.

As fontes por ele utilizadas dizem respeito, majoritariamente, ao jornal O Estado de São Paulo, completando vez ou outra com uma publicação diferente, normalmente quando não tinha disponível o primeiro jornal. Desse modo, durante o livro, o autor indica diversos episódios em que o Palestra Itália teria sido alvo de tratamento distinto por parte do periódico, o que se explicaria pelo fato de a publicação ser atrelada à elite paulistana, a mesma que controlava os destinos do futebol na cidade. Ficaentretantoa duvida se essa realidade se estendia a outras publicações ou se era um fenômeno exclusivo de O Estado de São Paulo, haja vista que o autor não abarca em suas análises outras vozes que não a dos colunistas daquele jornal. Apesar de no início o clube ser alvo de preconceito por parte da federação

[22] Ibidem.

e do jornal, com o tempo, a partir das vitórias em campo, a entidade se consolida no ambiente futebolístico da cidade, ajudando inclusive a mudar a imagem dos italianos que ali viviam. Destarte, a narrativa ganha ares de epopeia, lembrando em muito alguns escritos memorialistas sobre imigração, preocupados em narrar a chegada do imigrante, os tempos difíceis de sua instalação, os preconceitos que sentiu e a posterior vitória com o enriquecimento do homem que veio "fazer a América". Essa relação fica bem clara na seguinte passagem, onde o papel do clube na mudança da forma como o imigrante era visto é ressaltada:

> [...] essa associação esportiva, no início de sua história, colaborou para a mudança da imagem do italiano residente na cidade de São Paulo: de um indivíduo que acarretava problemas à sociedade de adoção, tornou-se alguém que transpôs os obstáculos iniciais para tornar-se um vencedor e enriquecer na sociedade receptora.[23]

Assim, o Palestra Itália é caracterizado como um clube representativo de italianos pobres, um marco no associativismo italiano e na conformação de uma italianidade, um clube perseguido, alvo de preconceitos mas que posteriormente se estabelece, ajudando na popularização do futebol e alterando tanto a imagem desses italianos frente à sociedade, como a sua autorrepresentação. Por fim, durante a segunda guerra, seria mais uma vez perseguido, sendo obrigado a alterar seu nome em 1942.

Caminho oposto ao de Araújo é seguido por Alfredo Oscar Salunem sua tese de doutoramento em história na USP "Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?". Orientada por José Carlos Sebe Bom Meihy, a tese tem por objetivo investigar a memória coletiva construída tanto por palmeirenses quanto por corintianos, sobre o *front* interno brasileiro durante a segunda grande guerra e suas consequências nesses clubes.Para tanto, o autor se utiliza da história oral, especialmente a ideia de comunidade de destino e da técnica de participação do entrevistado na degravação, que tem sido defendida por seu orientador e fomentada no interior de seu grupo de pesquisadores. Apesar de focar no episódio da mudança de

[23] Ibidem, p. 137.

nome ocorrido em 1942, no capítulo 1, o autor tece sua própria análise sobre a fundação do Palestra Itália, baseado em fontes jornalísticas de diversos periódicos e em documentação interna dos clubes paulistanos. O primeiro ponto de divergência entre a abordagem de Salun e Araújo diz respeito ao papel de Corinthians e Palestra Itália na popularização do futebol na cidade, já que, para Salun, antes de propulsores da popularização, Corinthians e Palestra Itália seriam consequências desse processo.[24]

Assim como Araújo, Salun reitera a importância do Palestra Itália na formação de uma identidade italiana em São Paulo, destacando que durante muito tempo as atas dessa associação eram escritas em italiano e que em sua direção predominavam indivíduos dessa origem. Todavia, não foca sua análise na questão étnica e sim na condição social desses clubes, de modo que, diferente de Araújo, a associação italiano/pobre não está presente em Salun. Na verdade, analisando as finanças de diversos clubes, o autor questiona a divisão clubes populares/ clubes de elite comumente destacada nas pesquisas sobre o futebol na primeira república. Segundo Salun, exatamente o fato de serem "populares", no sentido que atraíam uma grande torcida para além dos seletos *sportmans* que frequentavam os clubes tradicionais, fazia desses clubes entidades com grande arrecadação, dado o fato de que as rendas de bilheteria, já comuns nesses momentos, sustentavam seus cofres. Evidentemente Salun não nega que a maior parte dos italianos que viviam em São Paulo passava por duras penas, conformando a massa da classe trabalhadora local, entretanto, ressalta que as mesmas dificuldades econômicas não eram sofridas pelo clube que os representava. Na verdade, a saúde financeira dos clubes ditos populares era maior que a dos ditos de elite, dado o fato de que os últimos tinham poucos associados, o que minava suas fontes de renda.[25]

Nessa linha de argumentação, Salun propõe uma nova interpretação sobre a não aceitação imediata do Palestra Itália para a disputa do campeonato de 1915. Segundo este autor, ao invés de entender como preconceito ou intransigência

[24] SALUN, Alfredo O. **Palestra Itália e Corinthians:** quinta coluna ou tudo buona gente? Tese (Doutorado em História), USP, 2007, p. 36.

[25] Ibidem, p. 55.

a relação entre clubes de elite e populares, deveríamos pensar em "negociações", "acomodações de interesses", haja vista que os próprios clubes de elite tinham o interesse em contar com clubes "populares" na liga, pois as rendas que esses clubes geravam em bilheteria, ajudavam a manter as entidades em funcionamento, haveria assim um interesse recíproco e as tensões geradas nessas relações tenderiam a negociações com avanços e retrocessos. Desse modo, a ideia de conflito é jogada para baixo do tapete em Salun e só reaparece em 1942, quando aí sim haveria uma postura de intransigência frente ao Palestra Itália. Assim: *Em outubro* [de 1942] *se esgotaram aparentemente os limites de negociação, na medida em que o governo federal exigiu a exclusão de tais elementos* [refere-se aos associados expulsos do clube por serem considerados "súditos do eixo"].[26]Sobre as acusações de fascismo, Salun, assim como Araújo, admite a possibilidade de diversos membros da comunidade italiana terem aderido à cultura política fascista ou simpatizado com o governo italiano de Mussolini, entretanto, ressaltam que não encontraram informações seguras sobre a participação direta de indivíduos ligados ao clube em movimentos fascistas locais.

Por fim, a dissertação em história "Cego é aquele que só vê a bola - O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S.C. Corinthians, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C.", defendida por João Paulo França Streapco em 2010, também na USP, traz nova leitura sobre a formação e consolidação do Palestra Itália no ambiente esportivo local. Depois de investigar, na primeira parte do texto, o estabelecimento do futebol na cidade, na segunda parte da análise, detém-se especificamente aos três clubes citados no título. Assim, os capítulos 3, 4 e 5 são direcionados a desconstruir algumas ideias enraizadas sobre esses clubes. Três perguntas gerais o movem, o São Paulo era o clube herdeiro do elitismo? O Corinthians é o único time de massas? E o que nos interessa, o Palmeiras foi o time unificador da comunidade italiana? Para o autor, não!

Streapco nega que o Palestra tenha sido o clube aglutinador dos italianos, alegando que existiam muitos clubes italianos antes dele e muitos depois continuaram a existir, inclusive o Corinthians concorria tendo alguns italianos em suas fileiras.

[26] Ibidem, p. 253.

O autor identifica várias aproximações ente Palestra Itália e Corinthians e usa o termo "competição cismogênica" cunhado por Marshall Sahlinspara explicar a relação entre os dois clubes como um construindo sua narrativa em negação ao outro[27]. Lembra, assim, Alfredo Salun, que em analogia bíblica, reporta a Palestra Itália e Corinthians como os dois filhos de Abraão. Apesar de reforçar os fortes laços que o Palestra guardava com a várzea, dá destaque ao papel que família Matarazzo e Crespi teriam desempenhado no clube, associando a promoção de ideias nacionalistas em seu interior com uma tentativa por parte das elites italianas em promover a integração de seus compatrícios, evitando assim o fomento a identidades de classe e a infiltração de ideologias como o socialismo, o comunismo ou o anarquismo. Tarefa importante, se levarmos em conta que a maior parte dos funcionários de suas empresas eram de origem italiana. Desse modo, ao passo que Araújo e Salun dão grande importância à atuação da massa popular no interior do Palestra Itália, indicando como muito pontuais as relações com esses grandes industriais, Streapco privilegia o inverso, ou seja, tenta argumentar que o clube estava, na verdade, sob controle da elite italiana. Sobre a nacionalização do clube e as infiltrações de ideias fascistas em seu interior, o autor é enfático: *em 1925, o Palestra Itália foi controlado pelos fascistas.*[28] Contrapondo-se a Araújo e Salun, o autor afirma não apenas a simpatia de alguns ou vários associados às ideias fascistas – o que certamente ocorreu se levarmos em conta a força que o fascismo teve entre os ítalo-paulistas – fala de uma tomada institucional por parte destes.Entretanto,não explica ao certo o que entende por "controle fascista", se é o controle por parte do partido, se é a relação com o consulado, se é a cultura política fascista etc, tampouco cita fontes que indiquem o envolvimento de seus diretores com o fascismo, apesar de afirmar sua existência.

O debate a respeito do Palestra Itália, mapeado brevemente por nós nas páginas anteriores, levanta algumas questões de cunho teórico, qual seja, o empenho intelectual dos pesquisadores tem sido gasto em torno de definições

[27] STREAPCO, João P. F. **Cego é aquele que só vê a bola:** O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S.C. Corinthians, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. Dissertação (Mestrado em História), USP, 2010, p. 130.

[28] Ibidem, p. 162.

essencialistas de identidade. Desse modo, ou o clube seria representante de toda italianidade ou não seria representante dos italianos, ou ele representaria as classes populares, ou serviria ao interesse de uma elite manipuladora. Enfim, o clube tem sido tratado como algo dado, acabado e unificado, que apenas "representaria" algo, por sua vez também acabado e unificado. Nossa objeção vai no sentido de que entendemos as identidades nacionais e étnicas, as identidades de classee os significados e representações em torno de um clube como construções históricas. Entendê-las como algo dado, do qual o clube seria apenas o veículo de expressão, parece-nos uma problemática equivocada desde o início. Ao invés de pensar o clube de futebol apenas como um meio de expressão, chamaria a atenção para o entendimento deste como um entre os vários atores nesse processo de construção identitária. Os próprios autores citados parecem, em alguma medida, ter ensaiado essa análise, entretanto, tenderam a reducionismos à medida que pensaram a adoção de uma identidade como a necessária negação de todas as outras, perdendo de vista o hibridismo interno da própria comunidade genericamente denominada de italiana. Para nós, um clube é capaz de abarcar em si identidades, significados e representações contraditórias, sendo que, o próprio estabelecimento de uma identidade, significação ou representação "verdadeira" é um processo no qual outras identidades, significações e representações terão de ser abafadas. A seguir, abordaremos algumas teorias acerca das identidades– especialmente a nacional e étnica, que aqui nos interessam– que rompem com essa visão clássica do conceito como algo dotado de uma essência, a-histórico ou natural.

Os debates em torno da identidade nacional, do nacionalismo e da etnicidade: em busca de uma possível resposta aos problemas levantados

As identidades, nacionalismos e temas afins contam hoje com uma monumental bibliografia, tamanha é sua extensão que o historiador dedicado a esses temas se, por um lado, tem disponível diversas análises o que lhe possibilitaria, ao menos em tese, refinar sua análise e apurar seu olhar, por outro,

sente-se impotente frente à impossibilidade de leitura crítica de todo esse vasto material. Dada essa realidade, tomarei de empréstimo o excelente mapeamento realizado por John Breuilly no texto "Abordagens do nacionalismo"[29], em que o autor traça uma leitura crítica apontando as potencialidades e os limites de diversas proposições teóricas a respeito da identidade nacional, em seguida, esclareceremos nossa opção, tendo em vista os mais diversos questionamentos levantados na discussão bibliográfica realizada até agora e em face das peculiaridades do nosso objeto.

O primeiro problema encontrado por Breuilly quanto à ideia de nacionalismo é a diversidade de significados que ele pode ter segundo diferentes estudiosos e seus respectivos interesses. Desse modo, o autor define que existem basicamente três áreas de interesse distintasno que se refere às identidades nacionais: doutrina, política e sentimentos.[30]Os pesquisadores da doutrina tendem a focar suas análises nos intelectuais que pensaram o nacionalismo e a medir os impactos das ideias desses intelectuais na sociedade e nos movimentos políticos. O segundo grupo de pesquisadores estuda os aspectos políticos clássicos do nacionalismo, como os movimentos nacionalistas ou partidos com forte apelo patriótico. Por último, os pesquisadores preocupados com os sentimentos estariam mais dispostos a compreender como essa ideia moderna de pertencimento surge no seio das sociedades.

Levando em conta essas linhas diferentes de interesses, Breuilly define quatro principais abordagens sobre as identidades nacionais durante nossa história intelectual: as primordialistas, funcionalistas, narrativas e modernas. Grupo composto muitas vezes pelos próprios nacionalistas, pensadores ligados aos estados nacionais ou pesquisadores com forte ênfase nas continuidades em detrimento das rupturas, os "primordialistas" concebem as nações como algo preso a um passado imemorial, ou no caso mais refinado, tentam estabelecer relações entre as identidades nacionais e identidades pré-modernas, verificando alguns aspectos de continuidade entre elas.

---

[29] BREUILLY, John. Abordagens do Nacionalismo. BALAKRISHMAN, Gopal. **Um mapa da questão nacional.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

[30] Ibidem, p. 155.

Os teóricos "funcionalistas", por sua vez – como indica o próprio termo – atribuem funções às nacionalidades. Assim, para alguns destes,as identidades nacionais serviriam para substituir as identidades pré-modernas que haviam entrado em crise, cumprindo uma "função psicológica" para as pessoas. Nessa mesma linha, alguns pensadores legariam a ela uma "função de classe", contribuindo para a dominação da elite – aliás, vale o apêndice, Streapco apesar de não poder ser enquadrado como um funcionalista, em suas análises sobre o Palestra Itália, muitas vezes flerta com posicionamentos desse tipo. Não se trata de negar o evidente interesse que algumas classes têm na difusão das identidades nacionais, entretanto, entender o movimento como unilateral é um equívoco, como aponta o próprio John Breuilly, em sua crítica aos estudos funcionalistas[31]. Outro argumento frequente é o da "função modernizadora", qual seja, o papel que a integração nacional teria na capacidade de industrialização e modernização de uma localidade. Para Breuilly, essas abordagens têm alguma razão de ser – como quase todas, na verdade – mas são limitadas à medida que obtêm mais sucesso na explicação do "como" se deu as identidades nacionais do que na compreensão do "porquê" elas surgiram e tornaram-se importantes. Além do que algumas dessas formulações advogam um sentido de intenção deliberada de alguns grupos, depositando uma certa clarividência por parte desses sujeitos, como se soubessem de antemão todas as consequências históricas de suas iniciativas – mais uma vez, a análise que Streapco faz da atuação da família Matarazzo no Palestra Itália peca muito nesse quesito.[32]

A terceira corrente é denominada "Narrativa". Para o autor, muitos historiadores presumem como certa a ascensão do nacionalismo, naturalizando-o de tal modo que só lhes resta narrar esse processo. Frequentemente, esses historiadores dão uma conotação de progresso ao nacionalismo, confundindo a história do mundo contemporâneo com a história da ascensão do moderno e a decadência do tradicional.[33] Apelando para a narração clássica com começo, meio e fim, essas pesquisas bei-

[31] Ibidem, p. 165.

[32] Ibidem.

[33] Ibidem, p. 166.

ram à celebração do nacionalismo. Por último, teríamos a corrente na qual o próprio autor se insere, considerando-a a mais completa, a corrente "moderna", composta por três tendências que, aliás, lembram a subdivisão elementar de estudos das "doutrinas", "política" e "sentimentos".

A primeira dessas tendências modernas é a que investiga as transformações na "consciência" e o surgimento de ideias de pertencimento em níveis nacionais na sociedade. É nessa corrente que o autor localiza Benedict Anderson, ressaltando o impacto da sua ideia de "comunidades imaginadas" como um tipo particular de imaginação moderna que toma conta de intelectuais e pessoas comuns, a seguir voltaremos a esse autor. A segunda tendência de análise moderna é a que relaciona o advento do nacionalismo com a "modernização política", é nessa tendência que John Breuilly se inscreve, por acreditar ser mais abrangente, tendo em vista que os próprios movimentos políticos abarcam em si intelectuais – o que possibilitaria o estudo das doutrinas – e mobilizam sentimentos da sociedade.[34] Além de que, para este autor, os estudos nessa área seriam mais facilmente verificáveis pela disponibilidade de fontes, enquanto nas outras, o espaço para hipóteses ou inferências é maior, não sendo possível verificar completamente todas as suas afirmações. Por fim, a última tendência é aquela que relaciona o surgimento das identidades nacionais com "transformações de cunho social", aí se encontram teóricos como Miroslav Hroch e Ernest Gellner – provavelmente o mais influente entre os estudiosos do nacionalismo. Dando grande ênfase em processos de longa duraçãocomo as transformações estruturais do capitalismo, a industrialização, a difusão massiva da educação ou o fortalecimento de uma cultura popular, afirmam que o advento de uma sociedade industrial estaria intimamente ligado ao surgimento dessa cultura nacional "padronizada".[35]Apesar do largo alcance dessas proposições, Breuilly aponta sua fragilidade no fato de que essas análises não dão conta de explicar o surgimento de identidades nacionais em países com patamares ínfimos de industrialização.

[34] Ibidem, p. 172.

[35] Ibidem, p. 171.

Como podemos notar, são inúmeros os eixos de abordagem e poderiam multiplicar-se ao infinito, não fosse o esforço de categorização proposto por Breuilly. Mesmo assim, o grosso dessas análises, por depositarem grande peso às estruturas do estado ou a movimentos políticos com vistas à tomada do poder, são pertinentes a estudos que pretendem identificar essas formulações nacionalistas em indivíduos localizados em sua própria região de origeme não para o estudo de grupos imigrantes estabelecidos em outros países sob a guarda de diferentes aparatos estatais, a não ser que quiséssemos estudar apenas o seu processo de assimilação a uma nova cultura nacional – ou seja, como as identidades italianas, japonesas, alemãs etc foram perdendo peso entre os imigrantes e a nacionalidade brasileira foi se estabelecendo como hegemônica –, o que não é o caso em nosso presente estudo. Alfred Schutz, no célebre texto "O estrangeiro – Um ensaio de psicologia social", publicado pela primeira vez em 1944, mas só recentemente traduzido e republicado no Brasil, tece brilhante análise sobre a condição do imigrante. Este, acostumado com um determinado padrão cultural, como uma espécie de código de conduta, um "sistema de receitas" em sua terra de origem, quando se vê desterritorializado

> [...]torna-se essencialmente o homem que tem que colocar em questão, aproximadamente, quase tudo que parece ser inquestionável para os membros do grupo ao qual ele se aproxima.
> Para ele o padrão cultural do grupo ao qual se aproxima não tem a autoridade de um testado sistema de receitas, e isto, se por nenhuma outra razão, pelo menos porque ele não compartilha da forte tradição histórica pela qual este tem sido formado.[36]

Ou, se pensarmos pelo ponto de vista da sociedade receptora, *ele é um homem sem história*.[37]Referindo-se aos imigrantes advindos da península itálica, essa consideração merece mais um adendo, o de que o seu próprio padrão cultural tradicional estava sendo questionado em sua terra de origem, de modo que, seu "sistema de receitas" original, ele próprio estava em questão, exatamente na mesma época em que temos a grande imigração para as Américas, no final do século XIX e início do século XX.

[36] SHUTZ, Alfred. O estrangeiro - Um ensaio de psicologia social. Maringá: **Revista Espaço Acadêmico**, n. 113, 2010, p. 122.

[37] Ibidem.

À luz dessas observações, entendemos que a ideia de Benedict Anderson de «Comunidade Imaginadas» seja a de melhor valia para o estudo desses imigrantes, haja vista que ela dá aos sujeitos, e não apenas ao estado ou instituições ligadas a ele – como escola, exército etc.– papel ativo na formulação dessas identidades, possibilitando a reflexão sobre sua formação para além dos limites territoriais do estado ao qual aquela nação corresponderia. Para Anderson, essas formas específicas de imaginação surgiram em fins do século XVIII pelo cruzamento de complexos processos históricos, mas uma vez formadas, tornaram-se modulares em diversas realidades sociais. Segundo o autor, a ideia de nação é imaginada. Para ele, *[...] qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada.*[38] Ela é imaginada como limitada, pois além de suas fronteiras, encontram-se outras nações, mas é soberana em seus limites, daí uma característica interessante aos estudiosos do futebol, a alteridade. E por fim, ela era imaginada como uma comunidade, pois, apesar de suas diferenças internas, *[...] a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal.*[39] Essa opção teórica pelo conceito de "comunidades imaginadas" não significa, entretanto, uma aceitação de todas as teses de Benedict Anderson, como, por exemplo, a ideia de pioneirismo crioulo, bastante criticada por historiadores especializados nos processos de independência latino-americanos. Seguindo as recomendações de Edward P. Thompson, entendemos as categorias históricas como generalidades elásticas e flexíveis, *mais expectativas que regras*[40], cuja funcionalidade só pode ser apreendida à medida que posta à prova frente à base empírica. Deriva daí também nossa opção, na estruturação desse texto, por fazer de início uma longa discussão bibliográfica que balizasse posteriormente nossas opções teóricas.

Entretanto, se a ideia de comunidade imaginada nos ajuda a pensar o processo de construção dessas identidades

[38] ANDERSON, Benedict**. Comunidades Imaginadas:** reflexão sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia da Letras, 2008, p. 33.

[39] Ibidem, p. 34.

[40] THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 68.

nacionais por parte dos imigrantes, uma vez que coloca-os como protagonistas desse processo, não resolve o problema da relação dessas identidades nacionais com outras identidades, como as de classe, gênero, etnia, enfim, não resolve o problema da pluralidade interna desse grupo, tampouco abarca satisfatoriamente as mudanças constantes nessa identidade, as contínuas reelaborações que ela sofre,dificultando, por exemplo, o entendimento de fatores geracionais presentes nessas comunidades e em seus clubes, como foi indicado no caso dos alemães e do Coritiba na primeira parte desse artigo. Para tanto,é preciso entender essas identidades nacionais não apenas como dispositivos que remetem a uma comunidade imaginada, mas também, como postulou Stuart Hall: *Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade.*[41]

Segundo Stuart Hall, com o advento da modernidade tardia e a suposta crise de identidade provocada pela globalização, os pensadores contemporâneos têm repensado sua ideia de identidade, o que remete a uma reflexão acerca da própria concepção de sujeito, promovendo o que Hall chama de um deslocamento ou descentração do sujeito e das identidades. Contrapondo-se assim às concepções iluministas e sociológicas clássicas de sujeito que reivindicavam um núcleo duro, coerente e natural que o acompanharia durante toda a vida e conformaria a própria essência do seu "eu". Ao invés disso, propõe Hall: *O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente*[42]. Essas identidades são contraditórias às vezes e estão em constante conflito. A impressão de um eu coerente só existe porque construímos uma história individual normativa e à medida que os sistemas de significação e representação se multiplicam, multiplicam também as nossas possíveis identidades.[43] Se estendermos essas proposições aos imigrantes italianos ou ao clube de futebol Palestra Itália, perceberemos que o debate

[41] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 62.

[42] Ibidem, p. 12.

[43] Ibidem.

em torno de qual a "verdadeira" identidade que o Palestra representaria – toda a italianidade/ parte dela, elite/ pobre etc. – enfim, qual a "essência" desse clube, perde o sentido, à medida que seria mais enriquecedor pensarmos os diversos significados que esse clube estabeleceu com diferentes grupos. Além de que, possibilita-nos pensar o próprio estabelecimento de um significado "verdadeiro" – de um "eu" coerente ao clube – como um processo onde todos os outros possíveis significados têm de ser abafados, provocando uma constante reelaboração desses significados e identidades, em um movimento contínuo que não foge à história.

Segundo Stuart Hall: *As nações modernas são, todas, híbridos culturais*.[44] Todas elas são formadas por diferentes classes sociais, grupos étnicos e gêneros e essa multiplicidade tenta ser apagada, daí a ideia supracitada da identidade nacional como um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade, daí também a comparação que Hall faz entre a nação e a formação do indivíduo estudada por Jacques Lacan, pois as nações, assim como os indivíduos, mesmo sendo diferentes, representam-se como unificadas, através de uma narrativa que lhes dá coesão.[45] Essa autorrepresentação é também ela uma construção constante, passível de verificação pelo historiador, por exemplo, nos discursos relacionados à memória de um clube.

Até agora, discutimos essa construção de identidade em termos absolutos e internos ao grupo, ou seja, o grupo imagina comunidades nacionais que por sua vez não são fixas, estão em constante movimento e relações com outras identidades ou diferenças internas desse grupo, como as de classe, gênero, etnia etc. Entretanto, é preciso ressaltar que essas identidades, especialmente no caso dos imigrantes, se formam no contato com o outro, com a alteridade. Como vimos na primeira parte do artigo, quando analisávamos o caso dos clubes destinados à prática esportiva fundados por imigrantes na cidade de Porto Alegre, muitas vezes, é no contato interétnico que os indivíduos são estimulados a se agruparem, estabelecendo a distinção nós/eles. A esse respeito, uma visão mais antropológica de identidade,

[44] Ibidem, p. 62.

[45] Ibidem, p. 62.

presente nos estudos de historiadores preocupados com o fenômeno da etnicidade, podem auxiliar nossa compreensão desse fenômeno, refinando nossas análises.

Segundo a historiadora Regina Weber, os antropólogos e sociólogos – especialmente os inspirados pela Escola de Chicago – têm pensado o fenômeno da etnicidade muito antes dos historiadores, podendo perceber essa preocupação já em estudos do final do século XIX, na antropologia, ou do início do século XX, na sociologia.[46]Antes de mais nada, como estamos até agora tratando especificamente da identidade nacional, cabe ressaltar que esta identidade não é sinônimo de identidade étnica, que abarca um universo maior de relações sociais existentes em diversas temporalidades, inclusive em momentos em que o estado-nacional mal ensaiava sua constituição. Na verdade, as identidades étnicas podem ser verificadas nos mais diversos períodos onde houve migrações humanas para outras localidades, como, por exemplo, durante a escravidão ou nas migrações regionais, internas a um determinado país.[47] Nesse sentido, a identidade nacional seria mais uma entre as possíveis identidades étnicas. Fazendo uma crítica à história tradicional da imigração, que remete a trajetória do imigrante a uma epopeia – característica bastante presente na abordagem de José Renato de Campos Araújo, como vimos – nomeando-o, a *priori* segundo sua "nacionalidade" de origem, como "italiano", "alemão", "turco" etc, denominações desconsideradas por esses próprios imigrantes à altura de sua chegada ao Brasil e que só se desenvolveriam posteriormente em contato com o outro, Weber afirma que *[...] o fenômeno da etnicidade só ganha significado no contexto interétnico.*[48] Daí também os estudiosos dessa temática privilegiarem a espacialidade urbana para seus estudos.

Para a autora, o peso da identidade nacional na historiografia tem ofuscado essa concepção mais antropológica de identidade étnica.De maneira geral, esses estudos clássicos identificariam uma permanência de traços culturais desse

[46] WEBER, Regina. Introdução ao dossiê etnicidade. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, 2005, p. 45.

[47] WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. **Dimensões**, Vitória, v. 18, 2006, p. 237.

[48] Ibidem.

indivíduos, que remeteriam ainda a seu momento de partida, de modo a entender que poderia mudar de condição social, política ou econômica, mas culturalmente permaneceria estanque. Refutando essa ideia, Weber demonstra como as identidades são construções, frutos de processos históricos em constante reformulação no contato com o outro. Analisando o caso de açorianos que se definiam como portugueses para obter privilégios, afirma que as identidades podem ser "escolhidas" estrategicamente, outras vezes, quando a relação de poder entre os grupos é desigual,é possível que um grupo imponha uma identidade ao outro, por exemplo o caso dos escravos. Esses casos de "exodenominações", muitas vezes levam a situações em que oprimidos e opressores são reunidos em uma mesma categoria, como é o caso de alguns judeus alemães, perseguidos pelo governo brasileiro por falarem em alemão durante o contexto de *front* interno.[49] Essas diversas identidades étnicas podem se reunir formando uma mais ampla, como no caso dos imigrantes do leste europeu ou se segmentar, como frequentemente aconteceu com os "italianos" que se autorrepresentavam segundo sua região de origem. Enfim, o foco nesses estudos é dado na interação: *Dizer que as identidades são construídas e reelaboradas em um contexto interétnico, no qual os outros grupos tem papel nas atribuições aí resultantes, é dizer que etnicidade é resultado da interação social.*[50] E completa:

> A associação a um Estado-nação é a forma mais óbvia de nomear os grupos étnicos, mas não é a única. O nome do grupo e a carga de valores a ele associada serão sempre resultado de uma disputa. E é justamente quando se põe a estudar as negociações que envolvem essa disputas que o historiador se diferencia do folclorista.[51]

Esboçando conclusões

À luz do exposto, percebemos que os sentimentos clubísticos não são dados naturais, mas construções históricas,

[49] Ibidem, p. 245.

[50] Ibidem, p. 246.

[51] Ibidem, p. 248.

fruto de remodelações no interior dos esportes, que bebem nas caracterizações binárias desse jogo, identificadas por Giulianotti nos termos de uma sintaxe e uma semântica. Esses sentimentos se associam a outras identificações a depender do contexto sociocultural em que se inscrevem, nos casos dos clubes de imigrantes,essas formulações se associam com identidades étnicas e nacionais, mas não só. Essas identidades, por sua vez, não são fatos dados, mas construções históricas das quais o clube de futebol não pode ser entendido como um mero reflexo, mas um ator desse processo. Essas identidades são dispositivos que remetem a comunidades imaginadas, que abarcam em si uma pluralidade de outras possibilidades de identificação, sendo que o estabelecimento de uma dessas identidades como o "identidade verdadeira" ou a "identidade correta" é ela própria um processo, onde todas as outras possíveis identidades, como de gênero, classe, sexualidade, faixa etária, geracional etc devem ser abafadas. Desse modo, um clube de futebol, uma comunidade imigrante ou mesmo um indivíduo qualquer são composições passíveis de diversas significações, cabendo ao historiador a tarefa de entender como um desses significados se sobrepôs aos demais. Completaríamosque essas identidades são firmadas em relação com o "outro", nos contatos interétnicos, de diversas maneiras e por diversas motivações. Por último, gostaríamos de frisar que essa produção de identidades e significados estão em processo, sendo reformuladas até hoje nos clubes estudados. Por exemplo, se levarmos em conta o Palmeiras, as sucessivas camisas "retrô" que este clube tem lançado e as diferentes reações geradas no interior de sua torcida, perceberemos que sua identidade ainda hoje não é homogênea, convertendo-se em fruto de diversos conflitos. Mas isso é assunto para outro texto.

Resumo: O presente artigo analisa o fenômeno dos clubes de futebol de imigrantes, problematizando o surgimento de noções como pertencimento, identidade e paixão clubística, entendidas aqui como construções históricas em diálogo com outras identidades, especialmente as étnicas e nacionais no caso dos clubes de imigrantes. De início, analisamos um debate travado na imprensa curitibana em 1919, tendo como pano de fundo as transformações ocorridas no futebol,

notadamente o surgimento de uma "identidade clubística" que colocaria em xeque os padrões de conduta e valores "civilizados" abarcados pela prática esportiva. Em seguida, nos detivemos aos clubes de imigrantes, avaliando como se deu, em diversas espacialidades, a relação entre esse pertencimento clubístico e outras identidades sociais durante a primeira república brasileira. Finalmente, tendo como base os problemas levantados pelos estudiosos dos clubes de imigrantes, apresentaremos nossa compreensão à cerca do fenômeno identitário, chamando atenção para o papel desempenhado pelos clubes de futebol, enquanto atores na conformação de noções como pertencimento étnico e nacional entre os imigrantes radicados no Brasil.

Palavras-chave: Futebol. Imigração. Identidade.

Abstract: This article analyzes the soccer teams founded by immigrants, discussing the emergence of notions such as belonging, identity and passion for soccer teams, understood as historical constructions that dialogue with other identities, especially ethnic and national ones in the case of immigrant teams. At first, this paper examines a debate in the press of the city of Curitiba in 1919, regarding the changes occurring in soccer, namely the emergence of a "team identity" that would change the behavior patterns and "civilized" values comprised by the sport. In the sequence, it analyzes the immigrant teams themselves, assessing how the relationship between this belonging to a particular team and other social identities during the First Brazilian Republic. Finally, based on the issues raised by previous scholars, it will present our understanding of the identity phenomenon, calling attention to the role performed by soccer clubs as actors in the formation of notions such as national and ethnic identity among immigrants settled in Brazil.

Keywords: Soccer. Immigration. Identity.

Artigo recebido para publicação em 16/09/2012

Artigo aprovado para publicação em 31/10/2012